Proletários de todos os países, uní-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO P.C. DO BRASIL

NOVA E GLORIOSA FASE NA VIDA DO PARTIDO

Dez anos transcorreram desde que um punhado de comunistas, representando seus camaradas de São Paulo, do Estado do Rio, do Rio Grande do Sul, da Guanabara e do Espírito Santo e interpretando os sentimentos de milhares de revolucionários espalhados por todo o país, se reuniram para reorganizar o Partido Comunista do Brasil. A V Conferencia Nacional Extraordinária do Partido, realizada a 18 de fevereiro de 1962, constituiu um acontecimento da maior importancia no movimento comunista em nosso país. Marcou a ruptura definitiva dos marxistas-leninistas com os revisionistas seguidores de Prestes e traçou seu caminho revolucionário. A luta anti-revisionista que se desenrolava nas fileiras comunistas adquiria novas formas. Os marxistas-leninistas dispunham, agora, de uma organização própria para travar o combate em defesa dos princípios revolucionários. Levantavam sua organização, com seu programa e fisionomia bem definidos. O Partido Comunista do Brasil entrava em nova e gloriosa fase de sua existencia.

O surto do revisionismo contemporâneo, alentado pelo XX Congresso do PCUS, desde que surgiu nas fileiras do Partido Comunista do Brasil, em 1956, encontrou tenaz resistencia. Militantes e dirigentes se ergueram em defesa da organização partidária e dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário e conseguiram derrotar a corrente nacionalista-burguesa de Agildo Barata. Quando Prestes jogou o que restava de seu prestígio a favor do revisionismo, a luta ideológica cresceu de intensidade, ganhou proporções bem maiores. À medida que se estruturava a linha revisionista, sobretudo após a adoção da Declaração de Março de 1958, que revogou o Programa revolucionário do IV Congresso, também elevava-se o grau de consciencia dos marxistas-leninistas. Pouco a pouco, foi-se formando no Comitê Central um núcleo marxista-leninista que enfrentava as concepções erroneas e a linha reformista dos que haviam abandonado o campo da revolução e aderido às posições burguesas. Esse combate alcançou maior envergadura na preparação e no curso do V Congresso do Partido. As decisões desse Congresso manipulado vieram mostrar que a direção do Partido do proletariado no Brasil degenerara e procurava, a todo custo, transformá-lo num ajuntamento social-democrata. O espírito de Partido e a honra e a consciencia proletárias, no entanto, estavam bem vivos no núcleo de revolucionários que se forjava no curso da luta de classes, em muitos e muitos anos de batalhas. A luta travada pelos que se mantiveram fiéis à revolução despertara grande número de militantes para o combate às concepções erradas e aguçara seu espírito crítico. Em verdade, os choques de opiniões que se verificaram por ocasião do V Congresso representaram a luta ideológica mais importante já travada no movimento comunista brasileiro. Possibilitaram delimitar o campo entre os revolucionários e os oportunistas, contribuíram para aprofundar o conhecimento da realidade brasileira e ajudaram a compreender que estava em jogo a própria existencia do Partido e os destinos da

(Continua na próxima página)

NESTE NÚMERO:

Nova e Gloriosa... (Continuação da 1ª página)

revolução. Quando os prestistas resolveram arrancar a máscara e pedir o registro de um novo partido, legal, que nada tinha em comum com o verdadeiro partido da classe operária fundado em 1922, encontraram formal oposição de todos os que se negavam a arriar a bandeira da revolução. A conhecida Carta dos Cem e o Manifesto de ruptura com os prestistas são uma expressão do amadurecimento político e ideológico dos que combatiam o revisionismo contemporâneo. Essa tomada de posição demonstrava, ao mesmo tempo, que os marxistas-leninistas estavam dispostos a levar até o fim a luta anti-revisionista e em prol da revolução brasileira.

Difícil e complexa foram as condições em que se travou a batalha contra o oportunismo e o reformismo no movimento comunista brasileiro. Além de raízes antigas, então revividas, o oportunismo de todos os matizes encontrava novas fontes. O imperialismo pressionava o movimento operário mundial para arrancar-lhe concessões. Fazendo causa comum com os revisionistas kruschovistas, especulava com os pretensos erros de Stálin e engajava-se no que foi denominada a campanha contra o culto da personalidade. Os revisionistas, por seu turno, utilizavam-se do prestígio da União Soviética, prestígio adquirido quando o primeiro país socialista estava sob a direção de Lenin e Stálin, para difundir as errôneas teses do XX Congresso do PCUS. No Brasil, a burguesia, na década de 50 e nos primeiros anos da de 60, realizava intenso trabalho de doutrinação. Apresentava sua política "desenvolvimentista" como se fosse uma orientação visando a libertação nacional. Procurava atrair para sua influência o proletariado e contava para tal fim com a diligente ajuda dos revisionistas, encabeçados por Prestes. Relativamente fraca do ponto-de-vista econômico, a burguesia brasileira, entretanto, soube utilizar o orçamento do Estado para criar uma camada privilegiada entre o proletariado que lhe servisse de apoio político. Setores de trabalhadores das empresas do capitalismo de Estado, de autarquias e de firmas fortemente subsidiadas pelo governo, conseguiram vantagens que os colocava em destaque em relação ao conjunto do proletariado. O Partido revisionista apoiava-se sobretudo nessas camadas, que o pressionavam fortemente. Sobretudo os dirigentes sindicais se constituíram em massa de manobra do governo, particularmente na administração Goulart. Além de tudo isto, na arena mundial não estavam suficientemente claras e públicas as profundas divergências que opunham os marxistas-leninistas aos revisionistas contemporâneos. A existência da organização independente do proletariado no Brasil corria sério risco. Daí a importância da iniciativa corajosa e consciente de 1962. Tratava-se de marchar contra a maré montante do oportunismo e do reformismo, largamente estimulada pelos dirigentes revisionistas.

Para os marxistas-leninistas, tornara-se claro que é impossível emendar ou corrigir o revisionismo. Ao seu programa reformista é indispensável opor um programa revolucionário. Mais ainda: é necessário opor à organização reformista uma organização revolucionária. Essa experiência adveio no curso da própria luta ideológica. O rompimento nos terrenos ideológico, político e orgânico com os oportunistas seguidores de Kruschov e de Prestes — o primeiro verificado no mundo capitalista após o XX Congresso do PCUS — teve significado histórico para o movimento comunista brasileiro. Haviam fracassado as tentativas de liquidar o Partido. A V Conferência Nacional Extraordinária pôs por terra os planos liquidacionistas acalentados pela camarilha prestista. A classe operária brasileira, inspirada pelo proletariado revolucionário de todo o mundo, encontrava forças para enfrentar e derrotar o revisionismo contemporâneo.

A reorganização do Partido, levada a cabo na Conferência de 1962, não representou uma simples continuidade do velho Partido, que tão gloriosas tradições acumulara. Significou um salto qualitativo no Partido. Precedida de profunda luta ideológica, a reorganização se deu na base do marxismo-leninismo, o que imprimiu ao Partido uma fisionomia de autêntica vanguarda política do proletariado. Como ensina Lenin, "para construir o partido, não basta gritar 'unidade'. É necessário, ademais, ter alguma espécie de programa político, um programa de ação política". O Manifesto-Programa então aprovado retoma, em nível mais alto, as posições revolucionárias do passado. Aponta as causas do atraso do país: o domínio imperialista, o monopólio da terra e os grupos monopolistas da burguesia. Situa o imperialismo norte-americano como principal inimigo do povo brasileiro. Define a revolução brasileira em sua etapa atual como antiimperialista e anti-latifundiária, nacional e democrática. Assinala que a liquidação do domínio do imperialismo, em particular do norte-americano, da grande burguesia e dos latifundiários, seus aliados, é indispensável para a passagem da revolução à sua etapa socialista, que só se concretizará se à frente da luta estiver o proletariado, em aliança com as massas camponesas. Propugna a criação de ampla frente democrática e antiimperialista, sob a direção da classe operária, aliada ao campesinato. Fundamenta a necessidade da violência revolucionária como única via para livrar o país do atual regime reacionário e para instaurar um governo popular revolucionário.

Nas novas condições que se criaram, tendo como guia o Manifesto-Programa, o Parti

Nova e Gloriosa...(Continuação da pág. 2)

baseada na avaliação do momento político atual e que dê resposta exata aos 'malditos problemas' do presente, é possível ter um pequeno grupo de teóricos, mas não uma unidade política operativa". Apoiado nesta indicação leninista, o Comitê Central elaborou uma linha autenticamente revolucionária, expressa em seus documentos básicos "União dos Brasileiros para Livrar o País da Crise, da Ditadura e da Ameaça Neocolonialista", "Guerra Popular — Caminho da Luta Armada no Brasil" e noutras resoluções. Procurando superar o dogmatismo do passado e lutando contra a tendência à cópia mecânica das experiências estrangeiras, os comunistas se esforçam por unir a teoria de Marx, Engels, Lênin e Stálin com a prática concreta da revolução brasileira. Nos dez anos que nos separam da histórica Conferência de 1962, os marxistas-leninistas se esforçaram por elaborar a teoria da revolução brasileira, e, também, alicerçaram uma prática revolucionária em consonância com as concepções proletárias.

Os anos imediatamente posteriores à reorganização do Partido foram anos de profunda luta ideológica e política contra o revisionismo. Atrelados ao governo reformista de Goulart, os revisionistas brasileiros pareciam obter vitórias sobre vitórias, vitórias que na realidade eram da burguesia. Essas ilusões, no entanto, vieram abaixo com o golpe de 1º de abril de 1964 que, se de um lado trouxe novas dificuldades à luta do povo brasileiro, de outro despertou grandes contingentes de brasileiros para a realidade: é impossível conseguir êxitos estáveis e duradouros, e muito menos modificar a estrutura atual, nos marcos do regime de exploração e opressão vigente, por meios pacíficos, como indicavam os revisionistas. Nas fileiras do agrupamento oportunista nova cisão se manifestou. A existência do PC do Brasil e a experiência adquirida no período imediatamente anterior deram tonalidade diferente a esta nova batalha. O autêntico partido proletário serviu como um catalisador, capaz de atrair todos aqueles que, sinceramente, se opõem ao revisionismo contemporâneo e se enfileiram no campo da revolução. Ao Partido afluíram a maioria dos militantes e grande parte dos dirigentes que romperam com Prestes. Fortaleceu-se o partido da classe operária, enfraqueceu-se mais ainda o grupelho oportunista.

O revisionismo contemporâneo é um fenômeno internacional. Por isso, ao mesmo tempo que travam a luta em seu país, os revolucionários brasileiros dão sua contribuição à luta mundial contra o revisionismo contemporâneo. Alegram-se por contarem como camaradas de combate com o Partido Comunista da China, o Partido do Trabalho da Albânia e todos os demais partidos marxistas-leninistas. Fazem esforços por levar à prática sua orientação, por fazer do PC do Brasil o instrumento de que necessita o povo brasileiro para conquistar um regime que lhe assegure o progresso e bem-estar. No curso da luta prolongada, o Partido cresceu e se fortaleceu, estreitou suas ligações com as massas. De um punhado de militantes, transformou-se numa organização estruturada em quase todos os Estados, tornou-se a principal força de esquerda do país. É, hoje, a única que tem clareza de objetivos. Sua estratégia, na etapa atual, visa a conquista do poder político através da luta armada. A essência de sua tática se exprime na preparação e desencadeamento da guerra popular como única forma de derrubar o domínio imperialista e a ditadura militar fascista. A revolucionarização do Partido — tarefa colocada ante os militantes pelo Comitê Central — dá seus frutos. Sadia luta de opiniões se trava nas fileiras partidárias, com vistas a unir a teoria com a prática. Combate-se tudo o que é errado e constitui entrave à luta revolucionária: a rotina, o comodismo, a passividade, a falta de confiança nas massas. Militantes em número crescente, em especial os jovens, entregam-se plenamente à atividade partidária, marcham alegremente para cumprir todas as tarefas que o Partido lhes designa, ligam sua vida e seu futuro à revolução. Viver, trabalhar, pensar e agir como revolucionário torna-se lema nas organizações partidárias. O espírito revolucionário da crítica e da autocrítica impregna a atividade dos comunistas e os ajuda a levar à prática a linha do Partido, dispostos a superar todas as dificuldades.

A vida mesma comprovou a correção do passo dado em 1962. Após sua reorganização, o Partido não cometeu erros essenciais, não se desviou da senda assinalada na Conferência Nacional Extraordinária, nem ficou oscilando entre posições reformistas e revolucionárias. Suas atividades se orientam no sentido da luta pelos objetivos programáticos, seus documentos e resoluções guardam coerência e continuidade.

Decorridos dez anos da Conferência que reorganizou o Partido, pode-se avaliar o profundo significado histórico daquela reunião. O rompimento com os oportunistas e a estruturação do Partido em bases revolucionárias comprovam que a única posição correta é a que tem os princípios como norte. O pequeno núcleo de comunistas, defendendo com vigor e convicção o espírito de Partido, pôde conduzir a bandeira da revolução. Como expressava os sentimentos mais profundos da classe operária e do povo brasileiros, vê sua luta coroar-se de êxitos. Por mais difíceis e duros que forem os dias que hão de vir, os comunistas brasileiros têm plena confiança na vitória. Batem-se por uma causa justa, pelos interesses mais entranhados do povo brasileiro, pela sua libertação nacional e social. E aqueles que não

DE COMO CONSTRUIR O "COMUNISMO" COM AJUDA DO IMPERIALISMO

A repetição rotineira de um mesmo assunto acaba por despojá-lo de sua aura de sensacionalismo. É o que ocorre com certa matéria referente à União Soviética e que, atualmente, os jornais tratam sem maiores destaques. Em verdade não é só a repetição a causa do desinteresse, mas também e principalmente a aceitação cada vez mais generalizada, hoje, do que poucos afirmavam ontem. Trata-se da transformação da União Soviética socialista na União Soviética capitalista e imperialista.

Inúmeros são os fatos que comprovam que as vitórias socialistas conquistadas no país dos bolcheviques sob a direção de Lênin e Stálin, estão desaparecendo desde que a camarilha kruschovista usurpou o poder. Premidos por crises econômicas e políticas, empurrados pela nova burguesia ávida de privilégios e de quem são representantes, os chefetes de Moscou vêm-se entregando a uma atividade cada vez mais ampla e aberta de tipo capitalista. Depois de introduzirem o lucro como incentivo, passaram a criar empresas mistas, nas quais participam capitais estrangeiros, recorrem aos investimentos ocidentais e entregam a exploração de ramos industriais a monopólios do exterior. Tal orientação é conseqüência, acima de tudo, da aplicação das diretrizes do plano quinquenal 1971/1975, que dá prioridade à produção de bens de consumo. Os países imperialistas, por seu turno, estão entusiasmados. Os monopolistas americanos, japoneses, alemães, italianos e outros esfregam as mãos de contentamento. Vêem se abrirem, de par em par, as portas da União Soviética e antevêem os lucros formidáveis que obterão explorando o proletariado e os povos soviéticos.

A FIAT italiana já está produzindo automóveis para a nova burguesia soviética. Outras firmas italianas também participam em diversos empreendimentos na União Soviética. Os imperialistas japoneses sempre tiveram seus olhos voltados para a Rússia. Foram até à guerra para obter concessões na Sibéria. Eis que agora, os monopolistas japoneses foram autorizados a implantar na URSS uma fábrica de esquadrias de alumínio capaz de produzir 10.000 toneladas anuais do produto. A feliz concessionária é a Snkyo e o contrato assinado eleva-se a 21 milhões de dólares. No recente encontro do ministro do Exterior soviético, Gromiko, e seu colega japonês, Takeo Fukuda, em Tóquio, ficou resolvido que o Japão financiará a exploração de recursos petrolíferos nas ilhas de Sakhalin e Tyumen. Os japoneses também obtiveram inúmeras concessões para exploração de ouro e outros minerais na Sibéria. Os capitalistas da Alemanha Ocidental também estão impacientes para participar do "progresso" soviético. Fizeram inúmeras propostas de financiamento. A Lufthansa conseguiu permissão para ligar a URSS e a Alemanha por linhas aéreas diretas.

A colaboração soviética é, no entanto, particularmente mais ampla e estreita com os imperialistas norte-americanos. Abarcam quase todos os ramos de atividade, desde as relações culturais, programas conjuntos de exploração do espaço até a permissão para que os monopólios ianques invistam seus capitais na URSS. Autoridades russas e norte-americanas assinaram contrato entregando à Swindell Dressler Company — subsidiária da Pullman Incorporated — a fundição de aço para a fábrica de caminhões que está sendo montada nas margens do rio Kama. Essa operação implica em investimento de mais de 200 milhões de dólares, segundo declarou o presidente do grupo norte-americano, Donald Morfee. Na construção desta fábrica participam outros grupos monopolistas estrangeiros, como a Renault, francesa, que está encarregada de produzir os motores diesel para os caminhões "soviéticos". Um recente artigo do "New York Times", assinado por Theodore Shabad, afirma que entre as empresas norte-americanas representadas em Moscou estão E.I. Du Pont de Nemours, General Eletric Company, International Business Machines, Monsanto Company, Otis Elevator Company, Sperry Rand Corporation, Union Carbide Corporation, Westinghouse Eletric Corporation e Weyerhauser Company.

Desejosos de transformar o povo soviético, o mais rápido possível, numa enorme "sociedade de consumo", à imitação dos países capitalistas, os dirigentes do Cremlin escancararam todas as entradas da União Soviética às missões comerciais norte-americanas. Lá estiveram, em curto espaço de tempo, o Secretário do Comércio dos Estados Unidos, Maurice Stans, e mais de cem diretores-executivos de grupos monopolistas ianques, que ressaltaram, no final da visita, a "cordialidade existente na realização de negócios".

Os fatos demonstram como agem os atuais dirigentes de Moscou. Continuam declarando-se socialistas e jurando, de pés juntos, que constróem o comunismo na URSS. Estranha maneira esta de construir o comunismo com ajuda dos países imperialistas! O caminho da construção socialista e comunista posto em prática por países autenticamente socialistas, como a R.P. da China e a Albânia, é diametralmente oposto. Lênin e Stálin também não seguiram o caminho que é palmilhado pelos atuais detentores do poder na URSS. Construíram o socialismo, estruturaram poderosa indústria e uma agricultura coletivizada, apoiando-se principalmente em suas próprias forças. Os social-traidores do Cremlin põem em prática a "integração do socialismo no capitalismo", transformam a Pátria socialista em uma potência imperialista agressiva que, por seu turno, estreita sua colaboração com os monopolistas estrangeiros, em particular com os trustes estadunidenses. Chegará o dia, sem dúvida, que terão de

PANORAMA INTERNACIONAL

MANOBRA HIPÓCRITA E DEMAGÓGICA DE NIXON

Toda a ainda potente máquina de propaganda do imperialismo foi acionada para apresentar as novas propostas de Nixon sobre a guerra que empreende na Indochina como sinal de seu anseio de paz, do intenso esforço em busca de uma solução pacífica para o conflito. Pelas propostas, Nixon se comprometeria a retirar suas tropas e de seus aliados do Vietname dentro de seis meses se os vietnamitas e os demais povos indochineses cessassem sua guerra de resistência à agressão, entregassem os prisioneiros de guerra norte-americanos e aceitassem a realização de eleições no sul do Vietname, sob o regime de Van Thieu e sob supervisão internacional. A atual e estensa publicidade dada às propostas do governante americano revelam que elas não são assim tão novas, já que vinham sendo encaminhadas secretamente por Henry Kissinger, seu principal assessor político, desde junho do ano passado.

De que se trata, pois? De mais uma manobra política do representante máximo do imperialismo norte-americano na Casa Branca. Nixon pretende matar alguns coelhos com uma só cajadada. Quer alcançar a vitória na guerra que perde no campo de batalha. Deseja apaziguar a oposição interna à sua criminosa aventura contra os povos indochineses. Tenta preparar melhores condições para levar adiante seu plano expansionista e guerreiro no Sudeste Asiático. Procura apresentar-se como futuro candidato a novo período presidencial nos Estados Unidos revestido de asas angelicais, escondendo sua verdadeira fisionomia.

Como refinado político burguês, Nixon tem certeza de que, hoje, um candidato à presidência dos EEUU que se apresente abertamente como partidário do prosseguimento da guerra na Indochina não conseguirá enganar o povo norte-americano, que cada vez mais se opõe à matança dos povos que lá vivem. Com os olhos voltados para a reeleição, Nixon acena astutamente com a paz para demonstrar que os povos agredidos que resistem não desejam senão a guerra de extermínio. Essa é a lógica dos bandidos, dos gangsters. Nessas condições, as propostas de Nixon são profundamente demagógicas e enganadoras.

A chamada nova proposta de paz de Nixon não pode ser aceita pelos povos indochineses, que contam com o apoio dos povos revolucionários de todo o mundo. Além de não corresponder à realidade e às justas aspirações e exigencias dos indochineses, aspirações e exigencias consubstanciadas nas propostas do Governo Revolucionário Provisório do Vietname do Sul e do governo da República Democrática do Vietname que têm como primeiro ponto a retirada incondicional de todas as tropas ianques e satélites e o desmantelamento das bases militares estrangeiras, o plano de Nixon não merece fé. Isto porque todas as vezes que o presidente norte-americano tem prometido paz e retirada das tropas, na realidade tem intensificado a guerra. Quando se propôs "vietnamizar" a guerra, fê-lo apenas para dar cobertura à expansão da guerra ao Laos e ao Camboja. Ainda há pouco, no mesmo momento em que seu assessor político negociava secretamente em Paris, determinava o bombardeio mais violento que já sofreu a R.D.V. em todos os anos de guerra. E, no mesmo momento em que anunciava suas propostas, os aviões norte-americanos realizavam bombardeios de saturação não só sobre a R.D.V. como em outras regiões da península da Indochina. O pretexto foi o mesmo de sempre: "reação protetora às tropas norte-americanas".

Para manter-se na Indochina, prosseguir na agressão e salvar o regime fantoche, Nixon teve o desplante de propor eleições no Vietname do Sul. É fato sabido que Van Thieu é um simples títere e que os amos verdadeiros são os imperialistas norte-americanos. Propor que, sob o regime de Van Thieu, sejam efetuadas eleições ditas livres, embora este se disponha a renunciar um mês antes ao governo, é julgar mal a inteligencia dos povos. O próprio Cao Ky, antigo vice-presidente do governo Van Thieu, viu-se obrigado a reconhecer que as "eleições" em que o atual presidente sul-vietnamita saiu "vitorioso" foram uma fraude. E os ianques desejam que os povos aceitem uma nova fraude, e ainda sob supervisão internacional?

Nestas condições, as novas propostas de Nixon são além de demagógicas, hipócritas. De antemão ele sabia que os povos agredidos só têm um meio de resistir à agressão: usar a violencia revolucionária para contrapor-se à violencia contra-revolucionária.

As forças democráticas e populares de nosso país sabem bem o que significam as recentes propostas do governante ianque. Por isso apoiam de todo coração a heroica luta dos povos da Indochina que, cada vez mais unidos, não se deixam iludir e estão determinados a prosseguir em sua guerra de resistencia à agressão imperialista e pela salvação da Pátria até a vitória final.

OS FATOS FALAM MAIS ALTO

Vitória (Do Correspondente) — Agora, com o Sr. Gerardt Santos a frente da administração capixaba, os prepostos da ditadura militar continuam badalando as pretensas realizações e a "excelente situação" do Estado no terreno economico. Segundo eles, a produção vem se elevando constantemente e o Espirito Santo "ganha novas dimensões com o advento da Revolução".

Afirmações e frases desse teor deixaram de constar apenas das declarações e entrevistas oficiais para ganharem o rádio e a televisão, onde uma enxurrada de gravações demagogicas tomam o lugar dos comerciais.

Os fatos, entretanto, mostram outra coisa, por mais que os prepostos e capachos do governo se esforcem por distorce-los e encobri-los sob o palavrório desenvolvimentista. Já nos primeiros dias do atual governo, as próprias autoridades estaduais estrilavam. Segundo elas, o Sr. Cristiano transmitiu o governo com uma dívida externa de trezentos e tantos milhões de cruzeiros, contraída e gasta as vesperas das eleições com objetivos puramente eleitoreiros. Assim — diziam — o atual governo, por mais dinâmico que seja, só fará pagar dívidas durante o seu mandato. O orçamento de 1972 também não ficou atrás: despesa fixa prevista de 425 milhões e uma receita de apenas 250 milhões de cruzeiros. Dessa maneira, somando-se a dívida proveniente dos emprestimos no exterior com o deficit orçamentario de mais de 40% e mais a dívida publica, cujo montante não foi revelado, teremos uma falencia de grandes proporções.

Apesar de tanto falarem na industrialização do Estado, no "distrito industrial de Carapina" e outras tolices, a verba destinada ao programa da Secretaria da Indústria e Comércio é 5 vezes menor que a dotação orçamentária destinada a Polícia Militar. Esta, aliás, é que está verdadeiramente em expansão, pois deverá formar um contingente de mais de 3 mil homens, em 1972.

As casas de saúde São Lucas, de propriedade do Estado, e Santa Angelica, particular, fecharam suas portas por falta de recursos e verbas oficiais. Pelo mesmo motivo, o hospital para doentes mentais Adauto Botelho teve que dar alta a 80 dos seus 170 internos, alguns dos quais foram postos na rua em lamentável estado de saúde. Nas demais casas de saúde da rede pública ou dependentes do INPS, a situação não é das melhores, havendo alí, de plantão, mais policiais que médicos. A falta de vacinas e soros anti-rábicos, anti-ofídicos e outros, constitui rotina.

A situação dos trabalhadores é dramática. Mais da metade da população que se acha empregada ganha menos do que o salário-mínimo regional. O maior flagelo, entretanto, é a falta de empregos, principalmente no interior. Por isso, cresce a mortalidade infantil, a prostituição e a degradação da família. A situação do povo é de fome, desemprego e falta total de garantias. Porém, este não se conforma ante tal situação. Apesar da brutal repressão, sucedem-se os protestos entre os trabalhadores do campo e da cidade, que exigem trabalho, aumentos de salários e contenção do custo-de-vida. Também entre os estudantes é grande o descontentamento. Por ocasião da demagógica entrevista de Passarinho com estudantes capixabas, os representantes dos C.A. da UFES criticaram a política da ditadura no setor educacional e entregaram ao ministro um memorial conjunto reivindicando, entre outras coisas, a revogação do acordo MEC-USAID, mais verbas e um ensino voltado para as necessidades reais do país.

Os alunos do 3º ano da Faculdade de Medicina estiveram em greve durante vários dias. Reivindicavam mais horas de aula e adequadas aparelhagens para a cadeira de Técnica Operatória. Premido pela unanimidade do movimento, o diretor foi obrigado a ceder. Foram compradas as aparelhagens e o número de horas de aula foi aumentado em quase 100%.

Os fatos revelam que a situação do Espírito Santo é bem diferente daquela apregoada pelos dirigentes estaduais. Demonstram, também, que o povo espiritossantense saberá responder à altura à demagogia dos representantes da ditadura e encontrará por fim a solução verdadeira para a triste situação que atravessa.

OUÇA DIARIAMENTE EM PORTUGUÊS:

Rádio Tirana: Emissões de uma hora de duração:
- Às 20:00 e 22:00 h - Ondas Curtas de 31 e 42 m

Emissões de meia hora de duração:
- Às 4:00 e 18:30 h - Ondas Curtas de 31 e 49 m
- Às 7:00 h - Ondas Curtas de 25 e 31 m

Rádio Pequim: Emissões de uma hora de duração:
- Às 19:00 h - Ondas Curtas de 30, 38, 41 e 48 m
- Às 21:00 h - Ondas Curtas de 30, 32 e 47 m

O CAPITALISMO VAI MAL

A repercussão da crise do dólar teve o mérito de revelar um quadro diante do qual os problemas monetários ficam reduzidos a simples verniz de moldura. Pouco a pouco, filtraram-se na imprensa diária informações e notícias que indicam claramente estar o mundo capitalista a braços com uma nova crise economica — ou recessão, como dizem pudicamente os economistas burgueses.

A atual fase descendente do ciclo econômico começou em 1970. Ao contrário de outras crises cíclicas do após guerra, que foram localizadas, repetindo-se nos Estados Unidos, esta nova crise abrange os principais países capitalistas. Sua intensidade e duração também parecem maiores.

"Desde o agonizante 'milagre' da Alemanha Ocidental até Tóquio, aumenta a massa de desempregados" — dizia uma notícia, citando o ministro francês Giscard d'Estaing. Na Alemanha, a Volkswagen fechou seis de suas fábricas por falta de mercado, não só externo como também interno. No Japão, a produção industrial apresenta tendencia ao declínio desde fins de 1970, muito antes das medidas protecionistas de Nixon. Na Inglaterra há um milhão de desempregados, cifra mais alta desde a crítica década de 30. Nesse país, berço do capitalismo industrial, a Rolls Royce, fábricante de vários tipos de motores e dos famosos automóveis que constituem símbolo do refinamento burgues, entrou em falencia; estaleiros centenários, orgulho do país que já foi a maior potencia marítima, fecharam as portas.

Nos Estados Unidos, outra empresa mundialmente conhecida, a Lockeed, fabricante de aviões, fornecedora do Pentágono e do programa espacial, também entrou em insolvencia, passando a depender de empréstimo do governo. Com tantas falencias no "grand monde" dos monopólios, não se sabe como Roberto Campos, Delfim, Velloso e Cia., continuarão a desfiar os ditirambos a respeito da "eficiência empresarial" dos seus patrões. Ainda nos Estados Unidos, o desemprego ultrapassa 6% da mão-de-obra, o que significa alguns milhões de trabalhadores; em fins de 1971, a produção industrial era 3,7% inferior a de 1969, apesar de todas as medidas governamentais para "restaurar a confiança na economia".

Para os países dependentes, a crise já resultou numa diminuição média de 8%, desde meados de 1971, nos preços das suas principais matérias-primas, de cuja exportação suas economias se alimentam.

O que vem deixando perplexos os economistas burgueses é que a crise atual, ao contrário de todas as anteriores, surge acompanhada por persistente inflação. Antes, as leis espontâneas do mercado determinavam a queda dos preços em decorrencia da superprodução e do excesso de oferta e isto, por sua vez, contribuía mais tarde para a eliminação gradual dos estoques e a retomada paulatina da atividade economica. Um certo grau de inflação, com a injeção de dinheiro no mercado, recomendado por Keynes e outros apologistas do capitalismo, como meio de acelerar a demanda para evitar a crise. Hoje há crise e os preços internos sobem. Esse fato insólito pode indicar que o organismo do regime já não mais reage ao estimulante ou que a crise, apesar da sua duração, ainda não atingiu o fundo do poço — ou ambas as coisas.

O certo é que a atual crise, derrubando até os decantados "milagres" alemão e japonês, vem desmentir as teorias apologéticas dos economistas burgueses. Essas teorias deixaram de lado qualquer preocupação com a investigação científica em profundidade e se transformaram em simples descrição e relacionamento superficial de alguns fatos economicos e em técnicas de medição desses fatos, para o fim exclusivo de possibilitar a elaboração de uma espécie de terapeutica permanente a ser aplicada pelo Estado burgues. São a base teórica do capitalismo monopolista de Estado e implicam no reconhecimento tácito de que as leis espontaneas, objetivas, do capitalismo geram inevitavelmente crises e desequilíbrios perigosos à sobrevivencia do regime. Consideram, porém, que a tendencia à crise pode ser contrabalançada pela intervenção reguladora do Estado. Este age em nome dos interesses da nação, mas na verdade em benefício dos monopólios que sobre ele exercem uma direção muito mais imediata e rígida do que a mantida pela burguesia do período pré-monopolista. Em todos os países capitalistas essas teorias são rigorosamente aplicadas e o Estado intervém com essa função. E em todos eles desencadeou-se a crise.

Até o início da década de 60, a produção para a guerra, a renovação do capital constante por força das inovações tecnológicas e, no caso da Europa e do Japão, as exigencias da reconstrução — permitiram que o capitalismo revelasse uma certa vitalidade passageira, como a dos doentes tratados à base de estimulantes. Foi o suficiente para que os reformistas de todos os matizes proclamassem que o capitalismo moderno era um neo-capitalismo livre das taras fatais que Marx diagnosticara há um século. Afirmavam que esse suposto neo-capitalismo assegurava o crescimento permanente das forças produtivas e possibilitava atingir o paraíso do pleno emprego, da melhoria constante do nível de vida dos trabalhadores e da distribuição equitativa da renda. A falta de trabalho, a pauperização relativa e absoluta do proletariado eram fantasmas do passado. De maneira aberta ou disfarçada, os revisionistas encamparam essas ilusões de falso otimismo. Hoje está claro que boa parte daquilo que permitia aos monopólios elidirem crises mais graves e gerais transformou-se, com o tempo, em mais um elemento de crise. É o caso das despesas bélicas que geram inflação. A

O Capitalismo Vai Mal (Conclusão)

situação chegou a ser a seguinte: os governos burgueses precisam urgentemente acabar com a inflação, fonte de instabilidade econômica e social; desejam desesperadamente fazê-lo e receiam fazê-lo porque uma política anti-inflacionária pode agravar a crise cíclica. O doente viciou-se num "remédio" que mina suas forças! Daí o sentido contraditório e oposto de muitas das medidas que constituem a Nova Política Econômica de Nixon.

Na verdade, o que Marx constatou está de pé. A contradição entre o caráter cada vez mais social da produção e a apropriação privada conduz o capitalismo à anarquia e torna as crises, com o consequente desperdício e destruição de forças produtivas, inevitáveis.

Na atual crise, a solidariedade entre os diversos imperialismos, sob a arrogante e privilegiada hegemonia norte-americana, que parecia inabalável no após-guerra, começa a se desfazer. A crise do dólar mostrou isto. Os aspectos políticos desse novo acirramento das contradições inter-imperialistas e do remanejamento de posições recém começam a se evidenciar.

A chamada crise do dólar é, na realidade, uma crise do sistema capitalista mundial. As dificuldades que os monopolistas norte-americanos, europeus e japoneses encontram para, pelo menos, se entenderem, revelam o quanto ela é profunda. Esta nova crise capitalista se verifica no curso da crise geral do capitalismo. Diferentemente de períodos de descensos anteriores, ela se dá no momento em que o regime capitalista, em particular os imperialistas ianques, enfrentam crises políticas, ideológicas e militares. O capitalismo cava sua própria sepultura.

No Brasil, que o regime militar vem conseguindo tornar ainda mais dependente do que já era do capital estrangeiro, em particular do norte-americano, as consequências da crise mundial já se fazem sentir. A ditadura militar pagará um alto preço pelo atrelamento ao imperialismo em que se colocou. A crise põe no ridículo seus porta-vozes que se auto-investiram no papel de missionários de uma "verdade" falida e em profetas de um falso céu que cai sobre suas próprias cabeças.

RETRATO DO REGIME

TERRORISMO DA DITADURA

Em apenas uma semana do mês de janeiro, a polícia de São Paulo anunciou o assassinato de mais quatro jovens opositores da ditadura. Para não ficar atrás de sua congênere paulista, a polícia do Estado da Guanabara desencadeou verdadeira campanha de terror. E, com o maior descaramento, em vista dos protestos que se acumulam com a onda de prisões, comunicou oficialmente à direção da Pontifícia Universidade Católica que alunos desta Universidade, da Federal e de outras estavam presos à disposição da Polícia Especial do Exército. Os dirigentes estudantis guanabarinos calculam que mais de 100 colegas seus foram detidos nos últimos dias. A Justiça Militar, por sua vez, continua se "desenvolvendo". Inúmeros patriotas foram condenados a longos anos de cárcere. Mas, também, houve protestos contra as torturas aplicadas pela polícia. Respondendo ao interrogatório no Conselho Permanente de Justiça da 1ª Auditoria da Aeronáutica, o padre Gerson da Conceição, pároco da Catedral de Friburgo, o sociólogo Luís Carlos de Freitas, a assistente social Vera Bornestein e a socióloga Yolanda Salles Duque Catão — sobrinha do senador arenista Magalhães Pinto —, denunciaram torturas que sofreram e também as que foram infligidas ao sociólogo Lúcio Castelo Branco.

AUMENTA O NÚMERO DE LOUCOS NA PARAÍBA

Em 1971, centenas de crianças enlouqueceram na Paraíba. A causa diagnosticada: fome. Nos primeiros 18 dias de 1972, 40 pessoas, entre 20 e 40 anos, foram internadas na Colônia Juliano Moreira. Segundo o delegado de Investigações e Capturas daquele Estado, a causa das loucuras não é o alcoolismo. "Atribuo o fato a causas psicológicas provocadas por angústias, insegurança, solidão e, sobretudo, pobreza". Em última instância, fome. E a ditadura continua a afirmar que tudo vai bem...

MILHARES DE TRABALHADORES MORREM EM ACIDENTES DE TRABALHO

Mais de dois mil trabalhadores morreram em 1971 vítimas de acidentes de trabalho. Segundo dados parciais, o número de acidentes no ano findo chegou à casa do 1 milhão e meio. Cerca de 500 trabalhadores ficaram incapacitados definitivamente devido a ferimentos recebidos e 40.947 sofreram lesões prejudiciais ao exercício da profissão. São todos dados oficiais do INPS que prevê, para 1972, um aumento de 10% no número de acidentes do trabalho.

MAIS FOME E MISÉRIA PARA O POVO

O general Médici e seus porta-vozes não se cansam de elogiar o "progresso" do Brasil. Trombeteiam por todos os meios de propaganda de que dispõem as "excelencias" do regime, mas a cada dia torna-se mais evidente o contraste entre o que afirmam despudoradamente e a realidade em que vive a grande massa do povo.

Os trabalhadores enfrentam duras condições de vida. A perspectiva que se apresenta, neste ano que se inicia, é de ainda maior dureza. Ao encerrar-se o ano de 1971, com um aumento insuportável do custo das utilidades (o governo admite apenas cerca de 20% de elevação da carestia), o povo foi surpreendido com novo encarecimento de 12% no preço da gasolina e dos derivados de petróleo. Tal aumento foi concedido a despeito do Conselho Nacional do Petróleo ter anunciado que só haveria elevação do produto em 1972 e que esta ainda estava em estudos. Como consequencia da subida dos preços do petróleo, elevaram-se as tarifas rodoviárias que produziram um incremento em cadeia dos preços de todas as mercadorias.

O ano de 1972 iniciou-se com uma onda altista sem precedentes. Além de estar pagando preços absurdos pelas mercadorias de primeira necessidade, as massas populares vêm a perspectiva de novas altas, algumas já anunciadas. Além do café, que teve três aumentos no ano findo, e da gasolina, já foram majorados os preços do açucar, da carne, do cigarro, do leite (segundo o ministro Cirne Lima, os aumentos desse produto serão agora trimestrais), do arroz (o Instituto Riograndense do Arroz reivindica mais 15%), do gás engarrafado e de todas as mercadorias de amplo consumo. O telefone teve suas taxas elevadas em 33%, enquanto elevaram-se as tarifas de luz e força, dos trens suburbanos, das lanchas que fazem o transporte de passageiros e cargas da baía da Guanabara. A cobrança de pedagio na estrada Rio-São Paulo e noutras estradas do país também contribuem para elevar os já altos preços das mercadorias, pois as empresas transportadoras lançarão as costas dos consumidores seus novos encargos. Para maior sacrifício dos que têm filhos estudando, elevaram-se os preços dos livros (em até 50%) e das anuidades escolares. Os donos de colégios poderão aumentar as anuidades em até 30%, bastando provar que realizam obras para melhorar o estabelecimento. O governo se associa aos exploradores arrancando mais impostos das costas do povo. Apenas o Imposto de Circulação de Mercadorias, no ano passado, carreou para os cofres públicos mais de sete bilhões de cruzeiros, somente nos Estados da Guanabara e São Paulo.

Ante esse quadro de mais fome, mais dificuldades, de carestia e de falta de assistencia, não é de admirar que a tuberculose tenha aumentado grandemente sua incidencia e a desidratação e outras doenças causadas sobretudo pela desnutrição continuem fazendo vítimas em número cada vez maior. Também é cada vez maior a revolta da população. Nas feiras e nos super-mercados ouvem-se os brados de protestos e as ações mais variadas condenando a política governamental. O povo começa a "dar nome aos bois", o que mostra que a fermentação do ódio popular é cada vez mais forte.

Não pensem os militares fascistas que poderão desfrutar por muito tempo das posições que usurparam. Cada novo furo no cinto de um trabalhador, cada criança que morre de fome, leva as massas a compreender melhor a necessidade de derrubar a ditadura terrorista.

SÓ A LUTA REVOLUCIONÁRIA DARÁ AO POVO UM NOVO PODER

A luta por um governo popular revolucionário, por um novo regime, não é somente uma necessidade para salvar o país, como também um direito sagrado do povo. Quando o sistema vigente e suas instituições se tornam caducos, constituem obstáculo ao avanço da sociedade e fontes de iniquidades e sofrimentos para milhões de pessoas, não existe alternativa senão substituir o velho regime por um novo regime. Este tem sido o caminho percorrido vitoriosamente pelos povos em busca da felicidade e do progresso social. Este é o caminho do povo brasileiro.

Os atuais beneficiários da ordem imperante no país voluntariamente não cederão suas posições. Para se manterem no Poder, usam a demagogia, a corrupção e a violencia.

(...) Nestas circunstancias, as classes dominantes tornam inviável o caminho pacífico da revolução. Por este motivo, as massas populares terão de recorrer a todas as formas de luta que se fizerem necessárias para conseguir seus propósitos. (...) Todos os movimentos democráticos e patrióticos devem ajudar a alcançar a grande meta — a conquista de um novo poder político, principal objetivo do povo. Mas só a luta decidida e enérgica, as ações revolucionárias de envergadura, darão o Poder ao povo.

(Trechos do Manifesto-Programa, aprovado na V Conferência Nacional Extraordinária do Partido Comunista do Brasil, de fevereiro de 1962)

CRESCEM OS CHOQUES ENTRE POSSEIROS E GRILEIROS

Depois de tentar fazer demagogia, o governo resolveu tirar a máscara: enviou 300 soldados para desarmar os posseiros da Fazenda Rimácia, no município de Santa Helena, sudoeste do Paraná. Até há pouco, a ditadura ajudava indiretamente a Cia. Agropecuária e Industrial Rimácia, que se declara proprietária da gleba ocupada por centenas de famílias de posseiros. O Banco Nacional de Desenvolvimento Economico havia fornecido um empréstimo de 8 milhões de cruzeiros aos grileiros para que estes abrissem 2 mil alqueires de pastos e 100 para plantação de alfafa, além de plantar 400 alqueires com cana. Como tais providencias não fossem bastantes para afastar os posseiros, que de armas nas mãos resistiam a expulsão da terra, o governo agora viu-se obrigado a enviar suas tropas.

A luta entre posseiros e grileiros no sudoeste do Paraná já dura bastante tempo. Só nesta fazenda Rimácia, nos últimos tempos, morreram 13 pessoas em choques armados. Os posseiros possuem grande combatividade e inclusive fabricam armas e munições para se defenderem e mantém um grupo armado permanentemente preparado para defender suas famílias. Choques também têm se verificado em inúmeros outros municípios da região, inclusive nos de Matelândia, Cascavel e Medianeira.

O ano de 1971 e o início de 1972 têm sido testemunhos de um aguçamento das contradições no campo brasileiro. Presidente Epitácio, palco de inúmeros choques entre posseiros e a família de Zé Dico, de novo volta às manchetes com as perspectivas de novos recontros.

No Pará, 400 posseiros de São Domingos do Capim, município do baixo Tocantins, tiveram vários choques armados com grileiros e soldados da Polícia Militar em junho e em outubro do ano passado. Possibilidades de choques violentos se desenham com a tentativa do fazendeiro Eunivaldo Aristides de expulsar 40 famílias da fazenda Irituia, naquele Estado nortista. Os conflitos entre posseiros e grileiros foram tantos e tão violentos no interior do Ceará que as autoridades, alarmadas, prometeram tomar providencias.

Assim, em todos os recantos do país se sucedem as violências dos fazendeiros, ajudados por jagunços e policiais, contra os camponeses. Estes não têm outro recurso senão responder a violência dos exploradores com a violencia dos explorados. No fundo de toda a questão está o problema da terra. Os camponeses exigem cada vez mais a posse da terra, a concessão de títulos legítimos de posse e a retirada dos grileiros. Mas a solução definitiva do problema está na reforma agrária, reivindicação que os governantes não podem atender e que só se tornará realidade com a vitória da revolução nacional e democrática.

...E O ESQUADRÃO DA MORTE CONTINUA AGINDO

Estranhos fatos vêm envolvendo, ultimamente, os Esquadrões da Morte. Policiais acusados e com provas suficientes de seus crimes fogem misteriosamente de repartições onde se encontravam detidos. Depois da escandalosa demissão do procurador Hélio Bicudo, que apurava os crimes da sucursal paulista do crime organizado, também foi demitido o representante da Justiça que, na Guanabara, detinha funções idênticas e, de cambulhada, levou o delegado que presidia o inquérito.

Apesar de acuados pela opinião pública e até por parte da imprensa que não concorda com os métodos dos Esquadrões da Morte, estes não deixaram de funcionar. Ao contrário. Sentindo-se estimulados pela impunidade e pelo apoio que recebem dos órgãos governamentais, esses criminosos continuam sua suja faina, principalmente no Rio e em São Paulo. Somente no dia 5 de janeiro foram encontrados 5 cadáveres em diferentes lugares da Guanabara e do Estado do Rio. Todos apresentavam evidentes sinais de torturas, antes de serem fuzilados. Outros tres corpos foram recolhidos no dia 5, em Nova Iguaçu, Estado do Rio. Em Diadema, São Paulo, dois homens foram assassinados nos primeiros dias do ano pela quadrilha paulista. Na segunda quinzena de janeiro, na Guanabara, foram assassinadas 15 pessoas, uma por dia, em média. A polícia paulista resolveu mudar de tática, segundo denúncias publicadas na imprensa: mata e enterra suas vítimas, evitando assim publicidade. Mas continua matando...

É certo que o governo expulsou da polícia alguns criminosos envolvidos nos crimes do Esquadrão da Morte. Mas demitiu apenas os elementos secundários, enquanto os chefões continuam gozando de impunidade e contando com o apoio ostensivo dos responsáveis pelos órgãos policiais, como é o caso do conhecido delegado Sérgio Fleury. É certo, também, que ninguém poderia esperar do governo medidas para acabar com os crimes dos Esquadrões da Morte, pela simples razão de que este os utilizam para assassinar os oposicionistas à ditadura militar.